

# Flauta doce como instrumento democrático na alfabetização musical para crianças entre cinco a oito anos: uma experiência no setor de musicalização da UFRJ

*Bruna Oliveira Campos*

Faculdade de Música do Espírito Santo  
*brunaa.flauta@gmail.com*

*Izaura Serpa Kaiser*

Faculdade de Música do Espírito Santo  
*izaurakaiser@uol.com.br*

## Comunicação

**Resumo:** Objetiva-se investigar os desafios do ensino coletivo da flauta doce enquanto instrumento democrático na alfabetização da linguagem musical da criança, com idades entre cinco a oito anos, dentro do Curso de Musicalização da Universidade Federal do Rio de Janeiro/RJ. Para tanto, consideramos os conceitos de instrumento democrático de Marques (2012), Cuervo (2009) e Lira (1984); de alfabetização musical de Oliveira (2001) e de ensino coletivo proposto por Lira (1984). Na pesquisa de campo, serão realizadas gravação de vídeos, fotos e áudios das aulas práticas de flauta doce, bem como aplicação de questionários a alunos, pais, professores e aos coordenadores do projeto. Presume-se que a flauta doce em resina se torne acessível para uso em projetos ou em escolas com baixo poder aquisitivo. Conjectura-se que é mais propícia para se trabalhar com crianças, na iniciação musical, pela simplicidade no manuseio, facilidade de higienização e resistência a quedas. Pressupõe-se que as instituições educacionais sejam responsáveis pelo desenvolvimento musical e social da criança, proporcionando um ambiente sonoro que desperte um ouvido sensível à música. Quanto à percepção auditiva, admite-se que o estudo grupal da flauta doce permite a correção de altura e a coordenação entre o sopro e o dedilhado.

**Palavras-chave:** Flauta doce como instrumento democrático, alfabetização musical, ensino coletivo de flauta doce.

## Introdução

A criança, através do seu aprendizado inicial na música, é exposta aos sons e aos seus elementos. A flauta doce se apresenta como recurso pedagógico relevante no processo de alfabetização musical, por ser um instrumento melódico que permite uma grande gama de

notas e um som fácil de ser emitido. Pode trabalhar, desta maneira, a coordenação motora e memória por meio das combinações da digitação.

É necessário que este ensino seja um processo natural, estimulado continuamente para se promover a vivência musical. Convém deixar claro que o processo de musicalização infantil não necessariamente pretende que a criança seja um músico, nem muito menos engessá-la em apenas uma vertente musical; mas, ampliar sua visão de mundo, conhecimento cultural, estimular aspectos psicológicos e sociais, podendo promover uma experiência ímpar para o aluno.

Tendo em vista a importância da flauta doce, sua forma de ensino e seu papel dentro da formação musical das crianças, colocamos em questão: De que maneira o custo da flauta doce influencia no seu uso em projetos diversos? Será que a flauta doce, ensinada coletivamente, é a melhor possibilidade/opção/forma de se musicalizar a criança? É possível determinar o grau de importância/relevância da flauta doce no processo de formação musical da criança?

Levando em consideração a influência da música como parte da construção do ser humano, nos questionamos: De que maneira os pais veem os benefícios da musicalização para as crianças? Até que ponto as instituições de ensino investem na alfabetização da linguagem musical da criança? É possível que os professores, através da musicalização, identifiquem potencialidades artísticas em seus alunos, a ponto de incentivarem o seu progresso no estudo musical?

Pensando o ensino da flauta doce, a estrutura proporcionada aos alunos, o material didático e a frequência com que as crianças têm acesso à música, assim nos perguntamos: De que maneira os métodos e sua aplicação cooperam para incluir a flauta doce no processo de musicalização infantil? Será que existe uma carga horária mínima semanal de aula de música para se alcançar um bom desempenho na flauta?

## **Justificativa**

Este trabalho foi instigado por experiências práticas de cunho positivo, vivenciadas pela pesquisadora através de trabalhos com crianças, em sua maioria utilizando a flauta doce,

objetivando o desenvolvimento musical delas. Duas experiências recentes são mais marcantes: a do Estágio Supervisionado I, quando a pesquisadora vivenciou o ensino musical no cotidiano do CMEI Nelcy da Silva Braga, localizado em Vitória/ES. Realizando intervenções pedagógicas a partir da flauta doce – instrumento que já fazia parte da realidade das aulas –, pôde verificar a aceitação e os benefícios musicais para os alunos. A segunda, foi o período de Monitoria, no setor de Musicalização Infantil da faculdade na qual realizou o seu curso de formação, em que a flauta doce é utilizada como parte do currículo do curso de alfabetização musical das crianças.

Diante dos argumentos citados, a necessidade de explorar mais sobre a dupla função da flauta doce e o motivo pelo qual o instrumento é utilizado universalmente – principalmente no processo de alfabetização musical de crianças – incentivaram a escolha deste tema para o seu estudo.

## Objetivos

A pesquisa propõe investigar os desafios do ensino coletivo da flauta doce enquanto instrumento democrático na alfabetização da linguagem musical da criança, dentro do Curso de Musicalização da Universidade Federal do Rio de Janeiro/RJ, com crianças entre cinco a oito anos, através da gravação de vídeos, fotos e áudios das aulas práticas de flauta doce, bem como a aplicação de questionários a alunos, pais, professores e aos coordenadores do projeto.

Como objetivos específicos, almeja-se detectar o benefício da musicalização para as crianças, em sua construção como ser humano, esclarecendo o papel de investimento da instituição, do professor e família na consecução desse propósito. Também, apontar a importância da aplicação de métodos e práticas para o aprendizado de flauta doce, em projetos diversos, verificando o local e a estrutura econômica apresentada para o seu ensino.

## Referencial teórico

Em instituições de ensino de música, geralmente existem projetos de extensão para se alfabetizar musicalmente crianças, seja através do canto coral ou da aprendizagem de um instrumento musical. Em se tratando da escolha do instrumento alfabetizador, que fará parte

do currículo musical, os profissionais do ensino analisam todas as vantagens/desvantagens musicais e financeiras para a sua manutenção. Os mais contemplados comumente são a flauta doce e o violão. A flauta doce está presente, por demonstrar em sua trajetória de surgimento e de fabricação aspectos que a tornam um instrumento democrático e popular.

A flauta doce é um instrumento que marcou a tradição na Europa; muitas vezes usada por camponeses. Segundo Lira (1984, p. 4), elas “têm sido representadas em pinturas, talhas e gravuras de muitas civilizações”. Em sua fabricação inicial, aponta que primeiramente haviam razões econômicas para seu uso, pois “As flautas eram feitas de um material natural e muito simples – em pedaço de madeira ôco, uma vara de bambu, que é muito barato/barata. Com simples ferramentas as flautas podem ser feitas facilmente”. Avançando um pouco nos aspectos da fabricação, assinala que hoje os instrumentos são feitos de resina, o que os torna “mais baratos que os de madeira”, sendo “perfeitamente adequados para crianças ou iniciantes” pois, “além de serem laváveis, não racham facilmente quando caem ou sofrem qualquer pancada” (LIRA, 1984, p. 50).

A utilização da flauta doce como instrumento na educação musical pode ser proveitosa em vários aspectos, como dizem Oliveira e Silva (2011, p. 1846): “a vantagem de ser adequado para a iniciação, pela facilidade de manuseio, preço acessível e possibilidade de aprendizado em grupo”. Nesse ângulo, Veloso e Araújo (2017, p. 93) consideram que “aspectos extramusicais como o baixo custo deste instrumento (fator que democratiza o seu acesso) também devem ser considerados”.

Marques (2012, p. 2) afirma a democratização da flauta doce, acreditando que, por ser “um instrumento de baixo custo”, se torna “acessível a grande parte da população”. Também, com modelos e manutenção financeiramente mais fácil de serem “adquiridos por projetos ou escolas que dispõem de escassos recursos financeiros, permitindo que o aluno possua o instrumento desde o início de uma oficina ou curso regular” (CUERVO, 2009, p. 25).

Vivemos num tempo em que a música se faz presente no cotidiano ao nosso redor. Desde pequenos, aprendemos a ouvir os sons que nos cercam e a compartilhá-los. Nesse sentido, a ideia de coletividade já é formada inconscientemente nas crianças, quando partilham suas experiências com o próximo.

Lira (1984, p. 50) reforça que lidar com grupos de crianças “é muito importante pelo aspecto social”, pois elas desenvolvem “a consciência de grupo”, “sentimentos de respeito mútuo e responsabilidade para com os membros do grupo”. O trabalho de grupo pode ser um importante ambiente para que os alunos se estimulem no avanço do conteúdo, uma vez que “podem avaliar o seu progresso continuamente, em relação a cada membro do grupo e são enriquecidas pela troca de experiência”. No trabalho coletivo, os alunos têm “A oportunidade de tomar parte num grupo musical [que] é uma experiência gratificante para todo mundo” (LIRA, 1984, p. 51).

Souza, Hentschke e Beineke (1996/1997), citadas por Beineke (2003, p. 94), consideram benéficas as múltiplas formas de organização social de uma sala de aula, em que “a dinâmica de trabalhos em grupo, com crescente autonomia dos alunos na realização das atividades”, torna-se “um dos aspectos mais importantes para que a proposta de inclusão da flauta doce na aula de música seja viável”. Souza (2012, p. 106) coloca que o ensino coletivo de flauta doce possui um caráter inclusivo, possibilitando “a inserção de crianças em diferentes faixas etárias e com distintos conhecimentos musicais a tocarem em grupo”, sendo então todos capazes e “considerados como tendo potencialidade para, tocar flauta doce”.

Lira (1984, p. 51) acrescenta que o trabalho feito com flauta doce em pequenos grupos “é também importante para desenvolver a percepção auditiva”, uma vez que podem ser preparados para identificar e corrigir “diferenças de alturas” que podem ser reparadas com “o sopro ou usando dedilhados alternativos”. A aprendizagem coletiva permite aos alunos, “mesmo os mais iniciantes, o contato com uma prática instrumental valiosa do ponto de vista auditivo” (VELOSO; ARAÚJO, 2017, p. 93).

A flauta doce tem feito parte do ensino musical que, por sua vez, vem crescendo dentro de instituições e projetos de música, igualmente nas escolas regulares, em decorrência da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996 (LDB 9394/96), que estabelece a obrigatoriedade do ensino de arte nos diversos níveis da educação básica.

De acordo com Aguilar (2017, p. 125-126), “o retorno da flauta doce ao cenário musical brasileiro do século XX ocorreu a partir de duas vertentes: o interesse pela música e pelos instrumentos do passado”, lembrando a flauta doce como um instrumento artístico; também “a percepção de que a flauta doce era um adequado instrumento de iniciação

musical, sobretudo infantil”, aqui considerada sua valia como instrumento musicalizador. Como instrumento artístico, foi muito usada no período Barroco; segundo Cuervo (2009, p. 25), seu valor hoje “Possibilita o acesso a diferentes culturas, períodos históricos e gêneros musicais, pois é um dos instrumentos musicais mais antigos e populares da humanidade”, o que viabilizou ser progressivamente espalhado pelos continentes.

Compreendendo a flauta doce como um instrumento musicalizador, seu valor também pode ser agregado às crianças, segundo Marques (2012, p. 2): “A flauta doce é um instrumento que tem uma vocação natural para a musicalização”, pois “Seu som é suave e de fácil emissão. A digitação segue uma lógica simples e natural proporcionando resultado consistente num curto período”.

Apesar de ser considerado um instrumento simples pela “facilidade de emissão de som”, ela apresenta dificuldades quanto às questões do “controle de sopro”, bem como “das exigências técnicas de seu repertório dos períodos barroco e contemporâneo”. Portanto, “não há dúvidas de que a flauta doce [traz] uma valiosa contribuição à educação musical e à prática musical em todos os níveis” (LIRA, 1984, p. 60). Nesse sentido, vem sendo cada vez mais utilizada para a prática musical em sala de aula. Lira (1984, p. 61) constata que não se pode “encontrar nenhum outro instrumento mais barato” com as vantagens da flauta doce, que são: “mais de duas oitavas cromáticas, portátil, facilmente manipulado por qualquer criança”, tornando-a importante enquanto “[experiência] com um instrumento melódico”.

A experiência de educar uma criança é uma responsabilidade grande e ao mesmo tempo prazerosa. Os ensinamentos musicais, quando incentivados e apoiados pela família, resultam em estímulos e possibilitam uma segurança maior para criança trilhar o caminho da educação formal.

Hoje, a família assume um papel valoroso na educação dos filhos, dividindo essa responsabilidade com a instituição de ensino. Veloso (2014, p. 8; 9) diz ser “consenso a importância da família no desenvolvimento da aprendizagem da criança no aspecto psicológico, emocional, cognitivo e social”, e que essa parceria afeta diretamente a vida da criança, pois esse “relacionamento familiar, a disponibilidade e interesse dos pais na orientação educacional de seus filhos, são aspectos indispensáveis de ajuda à criança”. Os

professores devem considerar a parceria com a família como uma forma de entrelaçar os interesses de crescimento do aluno.

Sobre o entendimento dos pais quanto à participação de seus filhos em projetos de alfabetização musical, Araújo e Batista (2017, p. 25) salientam “a valorização da música para o crescimento pessoal e a socialização”, constatando que, nessa ocasião, “a família se revela como uma grande aliada do projeto”. Portela (2014, p. 76) menciona que os pais “passaram a auxiliar os seus filhos nas atividades musicais” e a comentar “que gostam de ouvir os filhos cantar as canções que aprendem nas aulas ou a tocar flauta doce”, após perceber o desenvolvimento musical dos mesmos.

A importância de se promover a educação musical resulta em benefícios que a música pode trazer para o indivíduo, desde o estímulo intelectual e físico até a expressão de sentimentos e emoções. Os espaços cedidos pelas Universidades hoje são formas de oportunizar o aprendizado da música.

A ideia de musicalizar enquanto ato de alfabetizar musicalmente “tem como objetivo fazer com que a criança [se torne] um ouvinte sensível de música, com um amplo universo sonoro [cooperando para] desenvolver a musicalidade que há na criança” (OLIVEIRA, 2001, p. 99). As instituições necessitam ter responsabilidade de criar esse ambiente sonoro, capaz de promover ao aluno um ouvido sensível. Koehler e Flores (2016, p. 69) destacam que “As instituições de educação têm a incumbência de contribuir com a função da família, introduzindo a criança em uma dada cultura”, oferecendo particularmente “situações voltadas à apropriação dos conhecimentos privilegiados em cada contexto”.

De acordo com Lira (1984, p. 90), “As universidades Federais na maioria dos Estados brasileiros têm mantido cursos a nível de extensão em música”, dando destaque para “curso de musicalização infantil”. Diz que “As experiências no [...] fazer musical com crianças nos cursos de musicalização têm despertado o seu interesse por instrumentos”, o que os torna capazes de “[iniciarem] o estudo do instrumento de sua escolha”. Para este fim, precisam da formação de alguns conceitos. Soares (2007, p. 22) assinala a relevância da “formação de conceitos fundamentais da linguagem musical, sendo necessário para tanto o reconhecimento de elementos básicos da música tais como ritmo, altura, intensidade, duração e timbre”.

As atribuições de um professor são extremamente relevantes para o sucesso acadêmico de seus alunos. A forma como o profissional se comporta dentro da sala de aula, os planos de ação e as estratégias de ensino são fundamentais para despertar o interesse de seus alunos pela música.

Fazem parte do seu cotidiano, de acordo com Cuervo (2009, p. 31), “investigar e experimentar novas formas de abordar os conteúdos”, proporcionando “liberdade de criação e interação com o conhecimento musical e as preferências dos alunos”. Oliveira (2001, p.103) relata que “O importante é garantir a participação dos alunos na aula” e, para que isso aconteça “é necessário diversificar as atividades, a fim de que a aula não se torne chata [e] desinteressante”.

No caso específico do educador musical, segundo Beineke (2001, p. 11), é responsabilidade dos professores “promover um ensino que respeite a natureza social da música, contribuindo para um fazer musical apoiado em práticas musicais autênticas”. Bezerra, Santos e Pacífico (2017, p. 169) complementam que “é preciso considerar que o professor deve saber utilizar a música de forma a atingir seus propósitos com eficácia”. É relevante ter a ciência de que, para o ensino da música, se tenha explícito o que compreendemos como música, as formas e os elementos que a constituem. Na sala de aula, o professor - que “é propiciador de um clima de trabalho em que a curiosidade, o constante desafio perceptivo, a qualidade lúdica e a alegria” – deve ter sempre como seus aliados “a paciência, a atenção e o esforço necessários para a continuidade do processo de criação artística” (BRASIL, 1997, p. 111).

O método é um instrumento, um guia para os estudos. No ensino da música, é utilizado como um dos elementos para qualificar o processo de aprendizagem. Na flauta doce, existem inúmeros exemplares de métodos no mercado; cabe ao educador utilizá-los da melhor maneira.

O emprego de métodos permite uma gama maior de possibilidades para o educador musical, trazendo novas formas de abordagem do conteúdo programático para o ensino da música. “A maneira como a música pode ser trabalhada na educação infantil, pode ser bem diversificada, pois existem muitos métodos de ensino dentro da área de música” (CABEÇAS, 2010, p. 29).

Vale considerar o pensamento de Coropos (2017, p. 82) a respeito dos métodos de flauta doce. Para ela, mesmo que “70% dos professores usem os materiais apenas como aporte ao seu trabalho, percebemos que os livros são ferramentas de apoio”. Ela ainda destaca que esse apoio tem dois entendimentos: “no sentido de pesquisa, consulta, exercícios, leituras e demais atividades cognitivas, e no sentido de dar mais credibilidade ao trabalho desenvolvido”.

Lira (1984, p. 16) destaca que, por muitas vezes a seleção do material didático é feita de acordo com as propostas da instituição: “A escolha de livros para uso com crianças em escolas [...] depende grandemente [do] objetivo do uso do instrumento nestas escolas”. Apesar desses requisitos, Freixedas (2017, p. 82) lembra que no Brasil “na maioria das instituições especializadas no ensino de música, ainda prevalece o modelo tradicional de ensino, voltado para a técnica do instrumento, assim como execução e leitura de repertório”. É notório que o método afeta diretamente a relação da música com o instrumento, ou seja, “a forma como a professora [conduz] as aulas, as estratégias de ação que ela [coloca] em funcionamento, [podem] tornar as aulas interessantes ou maçantes [...] gerando ou não interesse e empenho no estudo do instrumento” (SOARES, 2017, p. 23).

A adaptação das escolas para o ensino de música, desde a sua aprovação enquanto lei, ocorre com bastante dificuldade. É possível encontrar boas práticas, porém o que se vê na maioria das vezes, nas escolas/instituições onde há o ensino de música, é a oferta dessa disciplina apenas para crianças da educação infantil.

Loureiro (2003, p. 108) expõe que “encontramos nas escolas [...] práticas isoladas, bastante variáveis e irregulares [...] [ou somente] há o ensino da música na educação infantil (mesmo assim como função recreativa)”. Também, em escolas cuja “aula de música se resume a formar e a ensaiar uma banda ou um coral, porém, tais práticas envolvem apenas alguns alunos”, posto que “o espaço reservado para a música está incluído no da Educação Artística”, demonstrando que, na realidade, as artes plásticas, por já estarem a mais tempo presentes nas escolas, ocupam um espaço maior.

O lugar da música ainda em ascensão dentro das escolas/instituições, sejam elas especializadas ou de ensino regular, resulta num ensino musical cada vez mais raso e carente de uma regularidade, não somente de conteúdos, mas também de aulas. Souza e Duarte

(2017, p. 8), tomando o pensamento de Pereira (2014), comentam que “a educação musical das crianças tem ocorrido superficialmente, visto que as aulas de música – quando realizadas – acontecem no máximo duas vezes por semana”. Souza e Duarte (2017, p. 8) acreditam ser essencial que a criança tenha convivência com a música no seu dia a dia, e esse “contato [...] deveria ser diário, mesmo que em pequenas porções, em razão de sua essencialidade no desenvolvimento infantil”.

Loureiro (2013, p. 110) alerta que os professores devem estar atentos aos seus conteúdos para que ganhem espaço dentro da escola, trabalhando com uma regularidade maior e uma realidade cada vez mais presente, a fim de não “permitir que a música se cale nas escolas brasileiras”.

Um relevante ponto para as aulas de música é o ambiente no qual acontecem as aulas, pois a qualidade desses lugares as afetam diretamente, podendo contribuir para um bom ou mal desempenho das atividades propostas.

Não existe um padrão a ser seguido na organização do ambiente; dessa forma, cada projeto se adequa conforme suas possibilidades financeiras, segundo o PCN ARTE (BRASIL, 1997, p. 108): “É importante que o espaço seja concebido e criado pelo professor a partir das condições existentes na escola, para favorecer a produção artística dos alunos”. Além disso, o professor também tem a oportunidade de melhorar o local com o que lhe foi oferecido.

De acordo com o RCNEI (BRASIL, 1998, p. 72), o ambiente para as aulas deve ser “dotado de mobiliário que possa ser disposto e reorganizado em função das atividades” propostas pelo professor, pois geralmente “as atividades de música requerem um espaço amplo, uma vez que estão intrinsecamente ligadas ao movimento”. Em concordância, Oliveira (2001, p. 99) diz ser pertinente que “essa sala tenha espaço suficiente para os alunos movimentarem-se”.

Outra questão citada pelo RCNEI (BRASIL, 1998) e por Oliveira (2001, p. 99) é que esse ambiente seja “livre de sons externos que possam distrair aos alunos”, ainda, que essa sala reservada para as aulas seja ampla para que “possam ser guardados os instrumentos e outros materiais necessários” ao ensino da música. Com isso, é possível que os projetos se organizem para receber os alunos, desde que os mesmos se atentem para os pontos citados,

fazendo com que esse espaço seja “preparado de modo a estimular o interesse e a participação das crianças” (BRASIL, 1998, p. 72).

## **Resultados esperados/hipóteses**

Com base no conteúdo teórico levantado, considerada a mudança do material de fabricação da flauta doce, de madeira para resina, presume-se que o instrumento se torne acessível para uso em projetos ou escolas com baixo poder aquisitivo (LIRA, 1984; MARQUES, 2012; CUERVO, 2009). Em relação às outras vantagens do instrumento em resina, conjectura-se que é mais propício para se trabalhar com crianças, na iniciação musical, pela simplicidade no manuseio, facilidade de higienização e resistência a quedas (LIRA, 1984). Quanto à percepção auditiva, admite-se que o estudo grupal da flauta doce permite a correção de altura e a coordenação entre o sopro e o dedilhado (LIRA, 1984). Julga-se que o trabalho feito com a flauta doce seja de extremo valor para a educação musical, pois é capaz de proporcionar grandes e valiosos conhecimentos que estarão marcados na memória da criança, como a descoberta de outras culturas; além da importância melódica e técnica do instrumento (CUERVO, 2009; LIRA, 1984). Pensa-se que a flauta doce se constitui como um recurso musicalizador por excelência, devido a sua facilidade na obtenção do som, de caráter delicado e gracioso (AGUILAR, 2017; MARQUES, 2012).

Imagina-se que a parceria entre a família e a instituição educacional é relevante na construção de aspectos psicológicos, emocionais, cognitivos e sociais da criança (VELOSO, 2014). Nota-se que o papel da família na aprendizagem musical permite a valorização da música no crescimento dos seus filhos, tanto pessoal quanto social (ARAÚJO; BATISTA, 2012). Pressupõe-se que as instituições educacionais sejam responsáveis pelo desenvolvimento musical e social da criança, proporcionando um ambiente sonoro que desperte um ouvido sensível à música (OLIVEIRA, 2001). Suspeita-se que os cursos de musicalização pertencentes às instituições, muitas vezes inclusos nos cursos de extensão, abrem a mente da criança para o estudo do instrumento e das propriedades do som (LIRA, 1984; SOARES, 2007). Espera-se que os professores tenham, como objetivos, propostas acadêmicas que valorizem a cultura pertencente aos alunos, contribuindo para uma liberdade artística dos mesmos (CUERVO,

2009; OLIVEIRA, 2001). Além disso, admite-se que os profissionais forneçam um ensino musical verdadeiro, para que se atinja a proposta pretendida e se reconheça o potencial do aluno em sala de aula (BEZERRA; SANTOS; PACÍFICO, 2017; BRASIL, 1997).

Considera-se que os métodos didáticos são fundamentais para apoio, pesquisa e consulta dos profissionais, servindo para orientar os estudos dos alunos, de forma clara e interessante, havendo variedade de materiais disponíveis no mercado (COROPOS, 2017; CABEÇAS, 2010). Entende-se que as estruturas curriculares - que compreendem questões de frequência e duração - dependem dos objetivos e investimentos da instituição; também, que a carga horária de música ainda precisa ser mais regular para alcançar um bom ensino (LOUREIRO, 2003). Destaca-se que o contato com a música teria que ser diário, vivenciado aos poucos para se garantir o melhor resultado de aprendizagem (LIRA, 1984; SOUZA; DUARTE, 2017). Sabe-se que, no processo de alfabetização, é necessário se ter uma estrutura mínima para que o professor possa receber seus alunos com qualidade; também é necessário um ambiente espaçoso para as atividades que demandam movimentos, livres de sons externos e equipado com materiais necessários para uma boa aula (BRASIL, 1998; BRASIL, 1997; OLIVEIRA, 2001).

## Procedimentos metodológicos

Esse projeto, de caráter qualitativo, envolverá duas etapas: bibliográfica e de campo. A pesquisa bibliográfica abordará os conceitos de alfabetização musical, ensino coletivo, valor da flauta doce para a formação musical, bem como métodos e procedimentos de aprendizado, com a intenção de construir um referencial teórico relevante e confiável.

A pesquisa de campo ocorrerá na Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro, situada à Rua do Passeio, 98 - Centro, Rio de Janeiro - RJ, CEP 20.021-290, telefone de contato (21) 2532-4649, com a aplicação de *questionários* - que serão direcionados aos pais, alunos, professores, coordenadores e/ou representantes da instituição - e coleta de dados e registros, através da *gravação de vídeos, fotos e áudios* das aulas de música, para posterior análise e interpretação dessas aulas.

## Referências

AGUILAR, Patricia Michelini. *A flauta doce no Brasil: da chegada dos jesuítas à década de 1970*. 2017. 202 f. Tese (Doutorado em Música) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27157/tde-31102017151628/publico/patriciamicheliniaguilarvc.pdf>>. Acesso em: 21 mar. 2018.

ARAÚJO, Marciano Vieira de; BATISTA, Lucio Cleano Carvalho. O aprendizado da flauta doce através da ludopedagogia, no ensino de 1º e 2º ano do ensino fundamental I: o trabalho com a flauta doce através da ludopedagogia como mediador do processo de aprendizagem nos anos iniciais. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*, São Paulo, ed. 6, ano 2, v. 1, p. 5-41, set. 2017. Disponível em: <<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/flauta-doce-atraves-ludopedagogia>>. Acesso em: 23 abr. 2018.

BEINEKE, Viviane. O ensino de flauta doce na educação fundamental. In: HENTSCHKE, Liane; BEN, Luciana Del. *Ensino de música: proposta para pensar e agir em sala de aula*. São Paulo: Moderna, 2003. p. 86-100.

BEINEKE, Viviane. Um olhar sobre as funções e significados das práticas musicais na escola. *Revista Presença Pedagógica*, Belo Horizonte, v. 7, n. 40, p. 56-65, 2001. Disponível em: <<https://docslide.com.br/download/link/artigoumolharsobrefuncoesesignificadosdaeducacaomusical>>. Acesso em: 21 mar. 2018.

BEZERRA, Ezenice Costa de Freitas; SANTOS, Telma Cristina Martins dos; PACÍFICO, Juracy Machado. Oralidade e linguagem musical: encontros e desencontros na educação infantil. *Revista Multidisciplinar em Educação*, Porto Velho, v. 4, n. 9, p. 159-176, set./dez. 2017. Disponível em: <[www.periodicos.unir.br/index.php/EDUCA/article/download/2959/2149](http://www.periodicos.unir.br/index.php/EDUCA/article/download/2959/2149)>. Acesso em: 7 mar. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Coordenação Geral de Educação Infantil. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. Brasília: MEC/SEF, 1998. v. 1. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei\\_vol1.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf)>. Acesso em: 23 abr. 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte*. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2018.

CABEÇAS, Larissa Karen. *Musicalização na educação infantil: contribuições no processo de ensino e aprendizagem*. 2010. 47 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Curso de Pedagogia, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

Disponível em:

<[www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/LARISSA%20KAREN%20CABECAS.pdf](http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/LARISSA%20KAREN%20CABECAS.pdf)>. Acesso em: 7 mar. 2018.

COROPOS, Mônica. *Musicalizando com alegria*: proposta metodológica de ensino da música através de músicas e atividades dirigidas na formação continuada de professores e aplicada a crianças: um olhar sob a perspectiva da musicalidade abrangente. 2017. 115 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Escola de Música, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

CUERVO, Luciane da Costa. *Musicalidade na performance com a flauta doce*. 2009. 154 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <[www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/15663/000687332.pdf](http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/15663/000687332.pdf)>. Acesso em: 21 mar. 2018.

FREIXEDAS, Claudia Maradei. Caminhos criativos no ensino da flauta doce: ampliando práticas e repertório. In: SIMPÓSIO ACADÊMICO DE FLAUTA DOCE DA EMBAP, 4., 2017, p. 80-91, Paraná. *Anais eletrônicos...* Disponível em: <[http://www.embap.pr.gov.br/arquivos/File/2017/ANAIS\\_SIMPOSIO\\_DE\\_FLAUTA\\_DOCE/Caminhos\\_criativos\\_no\\_ensino\\_da\\_flauta\\_doce\\_ampliando\\_praticas\\_e\\_repertorio.pdf](http://www.embap.pr.gov.br/arquivos/File/2017/ANAIS_SIMPOSIO_DE_FLAUTA_DOCE/Caminhos_criativos_no_ensino_da_flauta_doce_ampliando_praticas_e_repertorio.pdf)>. Acesso em: 7 mar. 2018.

KOEHLER, Lêda Beatriz; FLORES, Maria Luiza Rodrigues. A função sociopolítica e pedagógica da educação infantil. In: FELIPE, Jane; ALBUQUERQUE, Simone Santos de; CORSO, Luciana Vellino (Orgs.). *Para pensar a educação infantil*: políticas, narrativas e cotidiano. Porto Alegre: Evangraf UFRGS, 2016. p. 59-80.

LIRA, Ilma. *Rumo a um novo papel da flauta doce na educação musical brasileira*. 1984. 105 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade de Nova York, Inglaterra, 1984.

LOUREIRO, Alícia Maria Almeida. O ensino da música na escola fundamental: dilemas e perspectivas. *Educação*, Santa Maria, v. 28, n. 1, 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/4329>>. Acesso em: 1 maio 2018.

MACHADO, Maria Lucia de A. Criança pequena, educação infantil e formação dos profissionais. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 85-98, jul./dez. 1999. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10549/10087>>. Acesso em: 12 mar. 2018.

MARQUES, Mônica Carniel. O ensino da flauta doce nas aulas de música na escola. In: FÓRUM DE PRÁTICAS DE ENSINO DE MÚSICA, 1., 2012, Maringá. *Anais eletrônicos...* Disponível em: <<http://www.dmu.uem.br/pesquisa/index.php?conference=forumed&schedConf=forumed>>

mus01&page=paper&op=view&path%5B%5D=82&path%5B%5D=51>. Acesso em: 29 mar. 2018.

OLIVEIRA, Beatriz de Macedo; SILVA, Ruth de Sousa Ferreira. Oficina de flauta doce como recurso para iniciação musical no instrumento: um relato de experiência. In: CONGRESSO ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 10., 2011, Vitória. *Anais eletrônicos...CD-ROM*. p. 1839-1847.

OLIVEIRA, Débora Alves de. Musicalização na educação infantil. *Educação Temática Digital*, Campinas, v. 3, n. 1, p. 98-108, dez. 2001. Disponível em: <[http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/119019/1/ppec\\_683-738-1-PB.pdf](http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/119019/1/ppec_683-738-1-PB.pdf)>. Acesso em: 10 mar. 2018.

PORTELA, Viviane Elias. *Projeto flauta na educação musical: um estudo com entrevistas em São João do Polêsine/RS*. 2014. 112 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014. Disponível em: <<http://repositorio.ufsm.br/handle/1/7160>>. Acesso em: 3 jun. 2018.

SOARES, Janaína Mascarenhas. *Musicalização na educação infantil: memórias e reflexões sobre uma prática*. 2007. 59 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007. Disponível em: <[www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=000410382](http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=000410382)>. Acesso em: 10 mar. 2018.

SOUZA, Bruna Costa Mariano Ferregueti; DUARTE, Rosangela. Educação infantil: uma possibilidade de musicalizar na infância. In: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 23., 2017, Manaus. *Anais eletrônicos...* Disponível em: <[http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2012/Formacao\\_de\\_Professores/Trabalho/05\\_57\\_12\\_1918-7619-1-PB.pdf](http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2012/Formacao_de_Professores/Trabalho/05_57_12_1918-7619-1-PB.pdf)>. Acesso em: 22 fev. 2015.

SOUZA, Zelmielen Adornes de. *Construindo a docência com a flauta doce: o pensamento de professores de música*. 2012. 170 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014. Disponível em: <<http://repositorio.ufsm.br/handle/1/6996>>. Acesso em: 3 jun. 2018.

VELOSO, Daniele Gino. *Afetividade e aprendizagem: o papel da família e da escola*. 2014. 29 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Curso de Pedagogia, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2014. Disponível em: <[http://www.dfe.uem.br/TCC-2014/DANIELE\\_GINO\\_VELOSO.pdf](http://www.dfe.uem.br/TCC-2014/DANIELE_GINO_VELOSO.pdf)>. Acesso em: 24 abr. 2018.

VELOSO, Flávio Denis Dias; ARAÚJO, Roseane Cardoso de. A disciplina de madeiras flauta doce nos cursos de graduação em música da UFPR: relatos discentes. In: SIMPÓSIO ACADÊMICO DE FLAUTA DOCE DA EMBAP, 4., 2017, p. 92-102, Paraná. *Anais eletrônicos...* Disponível em:

<[http://www.embap.pr.gov.br/arquivos/file/2017/anais\\_simposio\\_de\\_flauta\\_doce/a\\_disciplina\\_de\\_madeiras\\_flauta\\_doce\\_nos\\_cursos\\_de\\_graduacao\\_da\\_ufpr.pdf](http://www.embap.pr.gov.br/arquivos/file/2017/anais_simposio_de_flauta_doce/a_disciplina_de_madeiras_flauta_doce_nos_cursos_de_graduacao_da_ufpr.pdf)>. Acesso em: 21 mar. 2018.